



O PARECER PARA SER: a imagem consagrada do rock e estilos de vida.

The paraître to être: rock's consecrated image and lifestyles.

OLIVEIRA, Ana Claudia; PhD; Pontifícia Universidade Católica São Paulo,
anaclaudiamei@hotmail.com¹
DIB, Helena; Mestranda; Pontifícia Universidade Católica São Paulo,
helenaodib@gmail.com²
Grupo de Pesquisa Sociossemiótica

Resumo: O texto faz uma análise da tradução intersemiótica do gênero musical rock na construção imagética dos artistas desse movimento musical entre 1970 e 1990 por meio de duas bandas: *Aerosmith* e *Guns n' Roses*. Estuda-se o recurso visual como afirmação identitária referenciando um novo momento na moda e no estilo de vida de uma geração de jovens na cena do rock.

Palavras chave: Moda; Figurino; Artistas do Rock; Identidade; Sociossemiótica.

Abstract: *The text analyzes the intersemiotic translation of the rock musical genre in the artists image's construction in this musical movement between 1970 and 1990, by means of two bands: Aerosmith and Guns n' Roses. The visual resource is studied as an identity affirmation, referring to a new moment in fashion and the generation of young people's lifestyle in the rock scene.*

Keywords: *Fashion; Costume Design; Rock Artists; Identity; Sociosemiotics.*

¹ Professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, membro do comitê assessor do Conselho Estadual de Educação, membro do conselho de ex-presidentes da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, conselheira de políticas da Federação Brasileira de Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação.

² Graduada em Design de Moda pela Faculdade Santa Marcelina, especializada em Cenografia e Figurino pelo Centro Universitário Belas Artes e mestranda no programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo orientada por Ana Claudia de Oliveira.



Introdução

O artigo faz uma análise de como o movimento musical ascendente entre 1970 e 1990 dentro do gênero rock foi referência para um novo momento na moda e no estilo de vida de uma geração especialmente no entorno do bar *Troubadour*, responsável por debutar grandes artistas da história da música como Elton John, Neil Young, James Taylor, Billy Joel, Mettalica, Guns N Roses entre outros.

Estudando a construção imagética de duas bandas importantes na história da indústria fonográfica internacional, *Aerosmith* e *Guns N' Roses*, durante a carreira e tomando a roupa como objeto de estudo para tradução intersemiótica do gênero musical é possível condicionar o figurino como item fundamental no processo de afirmação identitária do artista. O projeto busca compreender os reflexos dessa imagem retratada na cena underground na consagração do estilo de vida dos jovens que consumiam essa música.

Com base na semiótica de A.J. Greimas e nos estudos de E. Landowski na correlação de regimes de sentido, regimes de identidade e de visibilidade será realizada a análise semiótica do figurino dos integrantes de ambas as bandas. Levando em consideração a última obra de Greimas, “Da Imperfeição”, correlaciona-se o parecer do figurino como recurso imprescindível para a exposição do ser e uma forma de pertencimento das tribos oriundas do contato massivo com essa imagem. Assim, podemos entender a influência de uma isotopia imagética na formação de opinião e estilo de vida de um grupo jovem urbano.

O contexto no qual nasceram as bandas

Aerosmith e *Guns n' Roses* possuem contextos geográficos e históricos diferentes. A primeira, surge em dezembro de 1970 em *New Hampshire*, na Terceira Era do Rock (1969 - 1971) mas o contrato de estreia foi realizado apenas em 1972 com a *Columbia Records* lançando o álbum homônimo a banda no ano seguinte. Embora vários *hits* da banda



integrassem os dois primeiros álbuns foi em 1975, no terceiro álbum, que a banda se tornou internacionalmente conhecida. Eles vêm do momento do gênero no qual ter uma banda de rock significava vivenciar um estilo de vida regado à excessos, “*sex drugs and rock and roll*”, o “*rock way of life*” (LAPA, 2015 p. 3). Eles recebiam muita influência de bandas da Segunda Fase do Rock (1961 – 1969) como os Rolling Stones e e Yardbirds. Em sua biografia, Steven Tyler fala sobre crescer copiando o estilo (musical e estético) de seus ídolos. O vocalista usava roupas extravagantes e uma androginia iminente figurada, considerado um dos precursores do glam metal/hair metal (LAPA, 2015 p. 3).

O Guns N’ Roses surgiu em 1985 na cidade de Los Angeles a partir de uma junção das bandas “Hollywood Rose” e “L.A. Guns”. A primeira formação não durou muito tempo e logo assumiram o conjunto principal composto por Axl Rose, Slash, Duff McKagan, Izzy Stradlin e Steven Adler. O contexto musical que deu origem a banda circundava os bares de Los Angeles e contava com muita música punk e hard rock, também um pouco do som dos jovens que migraram de Seattle – contemporâneos dos jovens que iniciaram o movimento grunge. Os membros do Guns N’ Roses não tinham dinheiro nos primeiros anos de banda e viviam em depósitos e casas de prostitutas que os bancavam na zona periférica da cidade. Além de drogas, o começo da banda envolveu criminalidade para os membros até que em 1987, com o lançamento de *Appetite For Destruction* a situação da banda começou a melhorar. Mesmo assim eles mantiveram a mesma aparência o estilo de vida apenas se tornou mais ostensivo. SILVA, 2011 p.49 coloca:

Durante os anos 1980, as discussões acerca dos grupos juvenis falavam das tribos urbanas como metáfora que tentava explicar o fato de os vários grupos juvenis se diferenciarem entre si. Como característica, esses grupos se apropriavam de determinados territórios da cidade, exibindo um visual próprio, inventando códigos de comportamento, promovendo uma cena musical inusitada, criando uma identidade a partir do pertencimento ao grupo, lugar de laços e de solidariedades.



No caso da cena de rock americana, as tribos urbanas surgiam, em grande parte, em função da música. Os bares e pequenas casas de show ditaram novos códigos de comportamento para os envolvidos e, posteriormente, para o público de fãs que foi formado e superou gerações.

Construção imagética do Aerosmith: Steven Tyler e Joe Perry

FIGURA 1 - Fotografia de Bob Gruen em 1973



Fonte: < <http://www.bobgruen.com/aerosmith/> >

Embora formado por cinco integrantes, a imagem da banda é apoiada, principalmente, no vocalista, Steven Tyler, e no guitarrista, Joe Perry. Juntos, nos anos oitenta, apelidados de *toxic twins*³ consolidaram uma estética que os transformou em simulacros no rock. A isotopia de elementos presente no figurino de ambos fez com que a constante fosse observada como uma “marca registrada” dos artistas e, posteriormente, copiada por fãs e adotadas por outras bandas da cena que projetavam um sucesso similar ao do Aerosmith.

Como representantes de um período de transição do Rock Psicodélico para o Hard Rock, o Aerosmith não transpassa a imagem agressiva, com peças de couro preta, taxas e ilhós.

³ Trad. Gêmeos Tóxicos – referência adotada em consequência do uso abusivo de drogas dos dois músicos juntos.



Pelo contrário, eles trazem uma roupagem colorida, com mix de estampas e uma linguagem que se mistura quase com o hippie. Varvatos (2013, p. 19) coloca:

Over the past four decades, a handful of artists have continually created a consistently cool look. They're not "chamaleons" who every five or ten years come up with a new style, depending on the latest trend. (...) What's notable about these groups is that the individual members developed their own look, while the bands persona maintained and identity with a mutual history and musical personality. ⁴

FIGURA 2 – Steven Tyler e Joe Perry em show, 2016.



Fonte: < <http://www.hennemusic.com/2016/06/> >

O simulacro do Steven Tyler, desde o início da carreira, é formado por uma composição confusa de matérias e cores. No início dos anos setenta, juntamente com sua

⁴ Tradução livre: Nas últimas quatro décadas, vários artistas têm criado continuamente um visual legal e consistente. Eles não são "camaleões" que surgem com um novo estilo a cada cinco ou dez anos de acordo com a última tendência. (...) O que é notável nesses grupos é que os membros, individualmente, desenvolvem seus *looks* enquanto a persona da banda mantém uma identidade conforme a personalidade histórica e musical.



amiga e designer Francine Larnis, Tyler foi a uma fábrica de tecidos e comprou sete metros para que Francine costurasse os figurinos do Aerosmith.

Suas principais referências eram Mick Jagger e Janis Joplin, além do contato com o *hippie* que havia tido desde a infância. Em sua biografia TYLER (2011, p. 59) diz:

Meu lema sempre foi: “Imite até conseguir”. Se quer ser uma estrela do rock, você precisa treinar seus movimentos primeiro no espelho. O visual. (...) Veja as calças quadriculadas do Mick. E os sapatos verdes. Onde Keith Relf conseguiu esses óculos, cara? (...) Eu investigava todas as lojas da pseudo Carnaby Street do Greenwich Village atrás dos artigos verdadeiros. Camisas sem colarinho, coletes de couro e calças quadriculadas na Paul Sargents da Rua 8. Botas iguais às dos Beatles com saltos cubanos da Blooms Shoe Gallery do West Village ou Florsheim Shoes na Rua 42. Eles tinham as melhores botas, de salto alto, apertadas no tornozelo – eram as que eu usava no palco. Também havia os sapatos Mod, sapatos de balé Capezio coloridos, camisas floridas e cachecóis de cetim. Bom, certo, os cachecóis vieram mais tarde (inspirados por Janis Joplin).

Essas escolhas permanecem até hoje nos figurinos utilizados pela banda, mantendo a regra posta por Varvatos: uma persona da banda e a individualidade de cada um.

No caso do vocalista, as peças de roupa utilizadas costumam ter estampas diferentes que referenciam tanto às representações de pele de animal quanto grafismos psicodélicos populares nos anos 60. Em função disso, o colorido acaba sendo frequente em suas montagens. A natureza da modelagem das peças sofre alterações dentro de alguns conjuntos sintagmáticos pré-definidos como:

- Calça justa de couro ou estampada, colete ou camisa abertos, peitoral de fora, sobreposição de lenços estampados, bota com salto, cabelo comprido e solto.
- Calça justa lista, camisa estampada, sobreposição de jaquetas e/ou colete e lenços pendurados no pescoço, bota com salto, cabelo comprido e solto.

Os acessórios também são elementos constantes como pulseiras de amarrações nos braços e cordões e correntes no pescoço. O cabelo comprido solto é, também, um elemento frequente desde o início da carreira. Algumas mechas brancas, coloridas ou penas são adicionadas ao cabelo ocasionalmente.



Joe Perry, por outro lado, tem uma imagem mais séria e imponente aproximando-se mais das características do hard rock e mantendo a identidade excêntrica da banda. Perry utiliza peças de couro preta (calça, jaqueta e até mesmo colete) intercaladas com peças de brilho (paetê e metálicas). É comum ver o guitarrista utilizando paletó ou blazer. O material das peças utilizadas varia entre veludo, couro, linho, jeans ou outros materiais neutros. Sua paleta de cor é mais limitada que a do vocalista, mais contida em cores neutras como: preto, branco, cinza e algumas nuances de cor: vermelho ou azul. Assim como Tyler, Perry também costuma usar cachecol – porém mais finos e, na maior parte das vezes, sem estampa. Quando a estampa está presente em seu figurino, ela é mais neutra com cores em tons próximos ou análogos.

Construção Imagética do Guns n' Roses: Axl Rose e Slash

FIGURA 3 – Guns N Roses Reunida para sessão de fotos.



Fonte: < <https://sunrise9memories.tumblr.com/> >



Embora musicalmente influenciados por diversas bandas dos anos sessenta e setenta, visualmente é possível notar que a banda se enquadrava numa nova era do Rock. Com referências do grunge e do punk a unidade estética da persona da banda era mais agressiva e menos despojada. Nos anos oitenta, uma banda que queria fazer sucesso precisava de: um sonho, talento e ambição obstinada. A origem do Guns N' Roses é traçada por um grupo de amigos com gosto similar para música, roupas, garotas e drogas além de uma fantasia coletiva de ser o próximo Aerosmith, Zeppelin ou os Stones (CANTER, 2008 p.12).

Na década de oitenta, Los Angeles era a cidade nos Estados Unidos na qual a cena de rock acontecia. Entre o *Troubadour* e a *Sunset Strip*⁵, além das gravadoras, os artistas se esforçavam para tocar nos palcos como bandas principais. Além de ensaiar em garagens e depósitos, morar com prostitutas ou em pensões, eles panfletavam o próprio show para conseguir vender ingressões e ganhar o cachê em participação nas entradas. Esse contexto foi crucial para a definição do estilo e das roupas da banda.

FIGURA 3 – Axl Rose e Slash, respectivamente.

⁵ Eixo no *West Hollywood* no qual vários bares (*Troubadour*, *The Roxy*, *The Rainbow*) eram responsáveis por debutar bandas e artistas como: Carly Simons, James Taylor, Neil Young, Metallica entre outros.



Fonte: Montagem com acervo de imagens

Axl Rose e Slash consagraram elementos estéticos aos quais associamos diretamente à sua imagem. Tal qual é possível identificar na fotografia da esquerda, o vocalista usa a calça de couro preta justa ao corpo com um cinto em composição. O colete jeans preto com forro de oncinha e sem as mangas deixando a mostra suas tatuagens. Na cabeça, dois elementos que, em conjunto com seu cabelo longo, loiro e liso, fazem a concretude do simulacro Axl Rose: a bandana e o óculo *ray-ban* aviador. No braço alguns acessórios. Esse conjunto de peças é tão associado ao cantor que, comumente, é visto reproduzido em fantasias e bonecos colecionáveis.

Rose não utilizava apenas essa combinação, mas peças glamurosas faziam parte do seu figurino de palco, geralmente emprestadas de prostitutas que os bancavam no início da carreira. Casacos de pele, peças de couro extremamente justas, camisetas com estampas ousadas e outras combinações mais ousadas, como cueca ou kilt podem ser vistas em registros fotográficos dos shows na época.





Slash, não tão ousado, tinha seu cabelo longo, preto e cacheado como característica principal do visual. O chapéu do Slash tornou-se parte da sua marca e personalidade. Existem poucas pessoas imediatamente reconhecíveis por meio de sua silhueta – Jimi Hendrix, Alfred Hitchcock e Slash (VARVATOS, 2013 p. 79).

A composição do figurino, em si, do Slash é simples: calças pretas justas, uma bota preta ou um tênis *Chuck Taylor*, uma camiseta ou camisa xadrez. Na maior parte dos shows, especialmente no começo da carreira, os looks eram simples, no entanto a somatória da cartola customizada com um cinto e o cabelo volumoso fizeram sua imagem se tornar automaticamente identificável em qualquer lugar do mundo. Em entrevista ao *The Associated Press* (GROTESCO 2010), o guitarrista explica a origem da cartola em composição com o cinto:

Eu sempre tive uma queda por chapéu; realmente completa o visual. Por volta de 1985, no início da carreira do Guns n' Roses, antes de termos contrato com alguma gravadora, eu estava em *Melrose* procurando por algo legal para usar no show daquela noite no *'The Whiskey'*. Eu não tinha dinheiro algum, significava então que tinha que ser algo que eu pudesse roubar. Então eu fui até uma loja chamada *'Retail Slut'* e vi essa cartola, e ela praticamente me chamou. (...) Então eu peguei-a e sai da loja, andei metade da quadra e ninguém me seguiu, daí vi que havia conseguido escapar com ela. Antes de ter ido àquela loja eu havia pego um cinto (também roubado) de uma loja chamada *'Leather Treasures'*. Eu voltei para o apartamento onde eu vivia com o Axl na época e a cartola era bem legal, mas parecia muito simples. Então eu tive aquele famoso momento da lâmpada brilhando: peguei o cinto, cortei no meio, e coloquei-o em volta da cartola. E aquilo se tornou minha assinatura. Ela tem várias finalidades: uma aparência legal, me ajuda a escapar da exposição pública pois eu posso me esconder por trás dela, e é a solução perfeita para os dias de 'cabelo ruim'.

Parecer para ser e ser para pertencer

A partir da imagem criada por bandas de rock, é possível notar como há uma necessidade de afirmação identitária na composição da sua roupa. O visual acaba tornando-se



parte tão essencial quanto a música, pois ambos fazem parte de um estilo de vida construído que potencializa o alcance comercial do som.

Antes de dar início as fraturas no livro “Da Imperfeição”, Greimas discorre sobre o parecer e o ser colocando o primeiro como imperfeito, uma vez que oculta o ser. Ao mesmo tempo, ele é a única possibilidade de tornar o ser vivível. Greimas (2017 p. 25):

Todo parecer é imperfeito: oculta o ser; é a partir dele que se constroem um querer-ser e um dever-ser, o que já é um desvio de sentido. Somente o parecer, enquanto o que pode ser – a possibilidade –, é, vivível.

A apresentação visual das bandas de rock, seu parecer, é uma figuratividade do seu ser enquanto gênero musical, estilo de vida e até mesmo conceito artístico. É através das escolhas matéricas de tecido, composição de cores, conjunto de proporções e modelagens eidéticas e até mesmo sobreposições que a mensagem visual é transmitida, potencializando o gênero musical e a atitude vivenciada no palco e fora dele. É importante deixar claro que, no momento em que os grupos de rock assumem esse visual, a imagem não é utilizada apenas nas apresentações. Ela é uma constante que ultrapassa a música fazendo parte do cotidiano daqueles indivíduos e das pessoas no seu círculo social.

Trabalhando as tribos urbanas e as subculturas, Silva explora as diferenças de pertencimento através do estilo de vida representado no comportamento, nas vestimentas, no cabelo e na música. A autora coloca (SILVA, 2011 p. 49):

Os signos de pertencimento [das tribos] se expressam nas roupas, nos cabelos, na música. A maioria dos jovens, no entanto, não se engaja verdadeiramente num grupo, mas expressa suas afinidades com ele quando sua carga simbólica é traduzida em termos de estilo, muito visível através da moda e dos grupos musicais.

As bandas são tidas como simulacros que, através da sua aparência estética, ou seja, do seu parecer são adotadas como referência de querer-ser e dever-ser, logo, aquele que tem a volição de pertencer ao grupo social, tribo urbana ou subcultura sente-se no *dever* de estar incorporado ao grupo e para pertencer a ele é preciso ser. Uma vez que a principal maneira de aproximar-se do ser é por meio do parecer, os indivíduos – fãs ou não – que desejam vivenciar a experiência daquela banda passam a vestir-se igual aos



seus ídolos ou até mesmo sua imagem reproduzida em camisetas ou broches. Consequentemente ao parecerem parte do grupo e conseguirem sua sanção de pertencimento, vão adaptando os hábitos e cada vez mais incorporando o seu ser a esse estilo de vida.

Um exemplo são as próprias *groupies*⁶ que, segundo a fala de Steven Tyler e Joe Perry no documentário *The Decline of Western Civilization Part II: The Metal Years* são um estilo de vida ou um álter ego. Elas fazem o mesmo que o artista – estão lá pelo amor à música e isso reforça o sentimento do artista.⁷

Considerações Finais

A partir da observação da expressividade das bandas de rock por meio da indumentária podemos perceber na necessidade de pertencimento uma lacuna para a ação do fator de manipulação comportamental responsável por guiar padrões de conduta especialmente nas subculturas. Tomado como referência os *fandoms* é possível falar sobre a moda de rua sob a perspectiva do artista como sujeito do fazer querer. Ele assume um papel de criador e ditador de tendências, função antes exclusiva de costureiros e estilistas.

Para o universo da moda, muito além de utilizar essas manifestações espontâneas e urbanas como fonte de inspiração, é importante prestar atenção para os profissionais que serão apoiadores da criação identitária do artista. Ao fazer uma atualização do cenário, olhando para a indústria fonográfica na atualidade e não no século XX, podemos perceber uma estrutura de criação e manipulação estética estabelecida por trás do artista. Nesse caso, faz-se necessário o estudo acerca das profissões do figurinista e do *stylist* que estarão encarregados de fazer a tradução intersemiótica do conceito artístico e gênero musical para a roupa, acessórios e caracterização utilizados, além da harmonia com a atitude e identidade pessoal do artista.

⁶ O termo, utilizado pela primeira vez em 1967 para descrever garotas que perseguiam lascivamente integrantes de bandas de pop ou rock, é derivado da palavra em inglês *group*, que por sua vez é uma referência a *musical group*.

⁷ Entre os minutos 35:20' e 35:32' Steven Tyler e Joe Perry falam sobre as *groupies*: "It's a way of life, you know. It's like your alter ego. They're doing the same you are. I mean, you're in a band and you love it. You love the music that you're playing. You see they freaking out and loving it. It just reinforces the way you feel".



Referências

CANTER, Marc ; PORATH, Jason. **Reckless Road: Guns N' Roses and the Making of Appetite for Destruction.** Madras, 2008. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=SaFxDwAAQBAJ&lpg=PT8&ots=2X48KhLK9I&dq=guns%20n%20roses&lr&hl=pt-BR&pg=PT12#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 17 de julho de 2019 às 14:56.

CORTINHAS, Rosangela. **Figurino: um objeto sensível na produção do personagem.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes, 2010.

CUTRUZZULA, Kara. **Steven Tyler's Favorite Mistake: blowing Money on clothes.** Newsweek. 4 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://www.newsweek.com/steven-tylers-favorite-mistake-blowing-money-clothes-64077> Acesso em 17 de julho de 2019 às 15:22.

FECHINE, Yvana; LIMA, Cecília Almeida. **O papel do fã no texto transmídia: uma abordagem a partir da televisão.** XXVII Encontro Anual da Compós. Belo Horizonte, 2018.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos.** São Paulo, Nakin, 2014. _____ **Da Imperfeição.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

GROTESTO, Maneco. **Slash: Guitarrista fala sobre a origem da sua cartola.** 2010. Disponível em: <https://whiplash.net/materias/curiosidades/109936-slash.html>. Acesso em 17 de julho de 2019 às 16:18.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do Outro.** São Paulo, Perspectiva, 2012.



LAPA, Camila; AROUCHE, Lorena. **Walk this way- Estratégias de remodelagem da banda Aerosmith direcionadas ao mainstream. Um estudo de caso.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 2015.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. **Entre estética e ética, a semiótica.** 22º Encontro Nacional ANPAP. Belém, 2013.

_____. **Semioses Pictóricas.** Centro de Pesquisas Sociosemióticas. PUC - SP: Comunicação e Semiótica. São Paulo. 1995.

SILVA, Elisabeth Murilho. **É Falar de Tribos Urbanas Hoje? A moda e a cultura juvenil contemporânea.** Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte - São Paulo – V.4 N°1 abril 2011.

SPHEERIS, Penelope. **The Decline of Western Civilization: Part II – The Metal Years.** Italy: Documentary, 1981. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R8VlhMHOPvw>
Acesso em 1 de julho de 2019 às 18:55

TYLER, Steven. **O barulho na minha cabeça te incomoda?** Uma memória feita de rock n' roll. Steven Tyler e David Dalton; Tradução Éric R. R. Heneault – São Paulo: Benvira, 2011.

VARVATOS, John. **Rock in Fashion.** New York: Harper Design, 2013.

